

## ELEMENTOS FUNCIONAIS/ORNAMENTAIS & IDEOLOGIA, NAS COMPOSIÇÕES DE FACHADAS DO ECLETISMO DA FRONTEIRA MERIDIONAL DO BRASIL: 1870-1931\*

Carlos Alberto Ávila Santos  
Universidade Federal de Pelotas  
Instituto de Artes e Design  
Departamento de Artes e Comunicação  
Rua Alberto Rosa, 62  
betosant@terra.com.br

### RESUMO

Este artigo enfoca os elementos funcionais e ornamentais utilizados nas composições de fachadas do ecletismo historicista arquitetônico que se desenvolveu em seis diferentes cidades da zona da fronteira meridional do Brasil com o Uruguai, entre os anos de 1870 e 1931. Estes elementos compositivos revelaram diferentes ideologias que se manifestaram na área durante o período estudado, resultantes da nova mentalidade moderna e burguesa, de origem européia.

**Palavras-chave:** Ecletismo, Arquitetura, História da Arte

### ABSTRACT

*This article focuses on the functional and ornamental elements used in the compositions of the façades of the historicist architectural eclecticism developed in six different cities in the region of the southern border of Brazil with Uruguay, between the years 1870 and 1931. These composition elements revealed different ideologies expressed in the area during the mentioned period, results of the new modern and bourgeois mentality, of European origin.*

*Key-words: Eclecticism, Architecture, History of Art*

As fachadas

### INTRODUÇÃO

Fundadas junto da fronteira do Brasil com o Uruguai, as cidades de Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Bagé, Santana do Livramento e Santa Vitória do Palmar tiveram seu apogeu econômico entre os anos de 1870 e 1931, decorrente da exploração de produtos agropecuários que enriqueceram as classes dominantes. Foi durante esse período que se introduziu, consolidou e desenvolveu a estética eclética historicista na arquitetura desses espaços urbanos.

A área da campanha gaúcha, com abundância de águas e vastas campinas, propiciou a multiplicação de diferentes rebanhos de gado. Nas sesmarias de campo criaram-se estâncias de criação de animais e se originaram atividades de agricultura. Essas culturas exportadas, por meio da navegação – lacustre, fluvial e marítima – e da estrada de ferro, que no ano de 1884 interligou Bagé, Pelotas e Rio Grande, o único porto marítimo da

região, contribuíram para o enriquecimento das elites e para o crescimento das áreas urbanas.

Nas três últimas décadas do século XIX, criou-se uma interdependência entre as cidades. Em Jaguarão, Bagé, Santana do Livramento e Santa Vitória se desenvolviam as criações de gado bovino, a principal riqueza da zona da fronteira com o Uruguai. Em Pelotas se curtiavam os couros e se processavam as salgas das carnes e dos subprodutos dos animais abatidos nas charqueadas. Em Rio Grande se concretizavam as exportações.

Eqüinos e muares, ovinos, caprinos, suínos e aves complementaram as criações. Os cavalos e burros eram utilizados como meio de transporte e tração. Os outros animais serviam à fabricação de conservas, como meio de subsistência e exportação. Com a instalação das indústrias, foram matérias-primas para a fabricação de tecidos, de artigos de lã e de tapetes.

O cultivo do trigo, do arroz, do milho e de outras culturas de hortaliças, legumes e frutas acrescentou-se à produção. Comercializados entre os municípios e exportados, esses produtos geraram o enriquecimento econômico dos senhores proprietários de terras, plantações e animais. Somadas às produções do norte e noroeste da antiga Província do Rio Grande de São Pedro, escoadas pela laguna dos Patos para o porto da cidade de Rio Grande através do porto da capital Porto Alegre, ou por meio das estradas de ferro, as exportações originaram a denominação dada ao Rio Grande do Sul, desde a década de 1870, de “celeiro do Brasil”.<sup>1</sup>

Na zona da campanha gaúcha, grande parte da riqueza obtida com as exportações foi investida na construção dos espaços públicos e privados urbanos, que utilizou a mão-de-obra escravizada, livre e liberta, nacional e estrangeira, especializada ou não. Na arquitetura edificada, pública e privada, as fachadas foram inspiradas nos modelos historicistas do ecletismo europeu e refletiram o interesse das administrações e das elites em se vincular ao desenvolvimento e progresso dos grandes centros.

Os contatos com os países do Velho Mundo, com os Estados Unidos e com as nações do Prata se efetuaram através da navegação, e possibilitaram as importações de diferentes materiais construtivos e de novas técnicas adotadas nas edificações de engenharia e de arquitetura. A proximidade das

idades do sul do Rio Grande do Sul com os países platinos facilitou a imigração de europeus ligados à construção civil: construtores, arquitetos, engenheiros, artistas e artífices, que projetaram e executaram as obras edificadas e as ornamentações das mesmas.

Na busca de espaço de trabalho, durante a segunda metade do século XIX, construtores e artesãos europeus abandonaram seus lugares de origem e cruzaram o Atlântico com destino a Buenos Aires ou Montevideu. Muitos deles, depois de permanecerem ativos nessas duas capitais, se dirigiram às cidades da campanha gaúcha. Foram esses estrangeiros – italianos, franceses, alemães e portugueses – os principais responsáveis pela introdução e consolidação do ecletismo historicista da fronteira meridional do Brasil. Pelas linhas fronteiriças, sobretudo com o Uruguai, foram também introduzidos na região novos materiais e técnicas construtivas.

Em paralelo à nova estética arquitetônica historicista eclética, foram implantados nas cidades de Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Bagé, Livramento e Santa Vitória, de maneira simultânea, os melhoramentos decorrentes da industrialização e do urbanismo – as canalizações de água e as redes de esgotos, a iluminação pública e privada, a pavimentação de ruas e avenidas, a arborização das praças e das artérias urbanas – assim como os meios de comunicação, como o telégrafo e o telefone e os transportes coletivos ou individuais, – urbanos e interurbanos – os bondes e os automóveis que, conseqüentemente, com seus equipamentos e necessidades, implicaram na reformulação dos espaços coletivos e deram às urbes um aspecto semelhante, segundo as necessidades das populações e a estética moderna e burguesa, de origem européia.

Essa aparência moderna e homogênea adquirida pelas diferentes cidades estudadas, possibilitou que as mesmas fossem apreendidas como um conjunto de “acontecimentos urbanos”<sup>2</sup> – possível de ser analisado em suas partes e como um todo. Este é um fenômeno particular de uma zona periférica de um país de periferia, que se manifestou ao mesmo tempo em que se processavam as transformações pelas quais também passaram as capitais de Província de outras regiões do Brasil – Belém e Manaus, Salvador e Recife, Belo Horizonte e São Paulo – e a Capital Federal, o Rio de Janeiro.

## O ECLETISMO DA FRONTEIRA MERIDIONAL

Identificamos dois momentos distintos no ecletismo da fronteira meridional do Brasil. O primeiro, que denominamos de “consolidação” do novo estilo arquitetônico (1870-1889), desenvolveu-se durante o regime imperial, quando se firmou na área uma sociedade latifundiária e escravista, enriquecida pela criação de gado e pela exploração e exportação dos produtos das charqueadas. Ao lado de estancieiros e charqueadores, ascenderam agricultores, comerciantes e proprietários de manufaturas, que com os primeiros, formaram as elites das zonas urbanas. Enriquecidos economicamente, enobrecidos pelos títulos concedidos pelo imperador pelos feitos realizados, esses privilegiados se vincularam ao processo de construção das cidades.

O apoio prestado pelos proprietários de terras e de animais ao governo do Império foi retribuído, muitas vezes, com títulos nobiliárquicos que receberam esses senhores. Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), empenhados nesta luta, muitos fazendeiros engrossaram os exércitos com seus peões e escravos, ou contribuíram com cavalos para as tropas e com reses para a alimentação dos soldados. A aliança com o governo imperial concorreu para o surgimento de uma aristocracia formada, logicamente, pelos grandes proprietários de terras.

A arquitetura desse período revelou construções embasadas por altos porões. O porão alto, já utilizado nas edificações coloniais, se manteve nos edifícios ecléticos do sul do Rio Grande do Sul, e possibilitou por meio dos óculos de ventilação, a aeração dos pisos assoalhados dos pavimentos térreos, numa região onde os invernos são bastante frios e úmidos. O embasamento perfurado pelos óculos de diferentes formas e tamanhos e com suas superfícies externas rusticadas, também concorreu para dar maior imponência aos sobrados e aos palacetes assobradados<sup>3</sup> – enriquecidos com pórticos, portões de ferro ou altas portas trabalhadas em madeira, que se abriam para vestíbulos com escadarias e paredes revestidas com os falsos mármore das escaiolas.



**Figura 1:** Os palacetes assobradados e os vazios centrais. Na imagem à esquerda, 1: A residência de Maria Jacinta Dias de Campos, Pelotas. Na imagem à direita, 2: O Casarão de Antônio de Souza e Silva, Rio Grande. **Fonte:** Fotos do autor, 2006.

As fachadas dos edifícios apresentaram tendência à horizontalidade, com composições tripartidas e simétricas ricamente ornamentadas com elementos de estuque – pilastras e capitéis das ordens da Antigüidade, cartelas, medalhões e brasões, rocalhas e festões.<sup>4</sup> Muitas construções passaram a explorar vazios centrais ou espaçamentos laterais em relação aos limites dos lotes de terreno. Esses vazios foram organizados em jardins que contribuíram para uma maior iluminação e aeração dos ambientes internos das casas, eliminando as antigas alcovas características do período colonial. (Figura 1)



**Figura 2:** Elementos ornamentais. Na imagem à esquerda, 1: Escultura de louça de gosto clássico, Pelotas. Na imagem central, 2: Relevos de estuque que representam dragões alados, Pelotas. Na imagem à direita, 3: Os monogramas trabalhados em ferro, Bagé. **Fonte:** Fotos do autor, 2006.

Os frontispícios foram encimados por platibandas cegas ou vazadas com balaústres – substituindo os beirais peculiares à arquitetura luso-brasileira e escondendo as canalizações das águas pluviais dos telhados, que não mais escoavam sobre os passeios.<sup>5</sup> As platibandas foram coroadas com frontões triangulares, cimbrados ou recortados em curvas e contra-curvas, pinhas,

compoteiras e esculturas de gosto clássico – evidenciado nas alegorias representadas com seus atributos, no contraposto das figuras, nos panejamentos das vestes.<sup>6</sup> (Figuras 1 e 2)

Ao lado de ninfas, de musas e de deuses mitológicos, das alegorias das estações do ano, se destacaram na estatuária e nos relevos de estuque da arquitetura eclética as figuras de águias, de leões e de dragões. (Figura 2) Desde a Antigüidade, essas imagens se identificavam com o poder inabalável dos governantes, como são exemplos os touros alados que guardavam as portas das cidades mesopotâmicas e as esfinges egípcias, cujas cabeças representavam os reis. Como ocorreu na Antigüidade e se repetiu no período medieval, em que as famílias nobres européias proprietárias de grandes feudos utilizavam das figuras de animais para compor seus brasões, a efêmera nobreza sul-rio-grandense, dona de extensas campinas, se valeu dos mesmos artifícios.

As datas das edificações e os monogramas dos proprietários eram representados em relevos de estuque sobre cartelas e medalhões exibidos nos tímpanos dos frontões, e se estenderam aos vidros coloridos ou texturizados das janelas ou das portas-sacada, aos gradis dos portões e guarda-corpos de ferro fundido ou forjado. (Figura 2)

Predominou na arquitetura a influência italiana introduzida pelos construtores imigrantes, que mesclou estilemas<sup>7</sup> das culturas greco-romana, da Renascença, do maneirismo, do barroco e do rococó. As construções materializaram a riqueza, o poder e a cultura que os grandes senhores buscavam ostentar, traduzidos nas ornamentações das fachadas dos prédios erguidos – a estatuária e os estuques aplicados aos frontispícios, as ferragens dos balcões, gradis e portões, os vidros texturizados ou coloridos das janelas e bandeiras, as madeiras entalhadas ou esculpidas das portas e pára-ventos. Dessa maneira, os proprietários reforçavam a sua superioridade sobre as camadas sociais menos privilegiadas e rivalizavam entre si na execução de edifícios cada vez mais imponentes.

O segundo momento do ecletismo historicista da campanha gaúcha, que definimos como de “desenvolvimento” do estilo na arquitetura das cidades (1889-1931), iniciou com a Abolição da Escravatura e se desenvolveu durante a Velha República, contou com a mão-de-obra remunerada. Nesse período,

sobretudo em Rio Grande e Pelotas, foram criadas diferentes indústrias, que concorreram para o nascimento de novas classes sociais. A primeira, a burguesia formada pelos industriais, que se misturou à elite aristocrática existente e com ela disputou os espaços social e geográfico das áreas urbanas. A segunda, o operariado, socialmente marginalizado, foi excluído para os bairros periféricos. Entre elas, formou-se uma classe pequeno-burguesa dividida em várias profissões, dos caixeiros-viajantes aos comerciantes, funcionários públicos, contadores e bancários, professores e jornalistas, que se distribuiu no entorno dos bairros centrais.

No Rio Grande do Sul, a instauração da República desencadeou na Revolução Federalista. Em 1893, a guerra civil se propagou pela zona da campanha entre adeptos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e filiados do Partido Federalista, que almejavam assumir o poder no Estado. A revolução só acabou em 1895, com a instalação da Assembléia de Representantes pelo então presidente da Província, Júlio de Castilhos. Os republicanos saíram vitoriosos do conflito, mas a classe dominante de pecuaristas restou dividida, marcada por rancores e ódios entre vencedores e vencidos.<sup>8</sup>

Com um governo autoritário fundamentado no positivismo, o PRR se manteve no poder por mais três décadas, numa sucessão de mandatos nos quais não foram poucos os incidentes reveladores da cooptação dos eleitores, da intimidação dos opositores e da fraude eleitoral. Com o término do mandato de Júlio de Castilhos, em 1898, alcançou a presidência Borges de Medeiros, que se sustentou no cargo até o ano de 1908. Nessa data, foi eleito Carlos Barbosa Gonçalves, chefe político do PRR da cidade de Jaguarão. Em 1913, assumiu novamente a presidência da Província Borges de Medeiros, conservando o domínio do partido até 1928. Com a eleição de Getúlio Vargas nesse mesmo ano, iniciou-se uma postura conciliatória com os grupos de oposição.<sup>9</sup>

Na arquitetura do período de “desenvolvimento” do ecletismo, as fachadas perderam o equilíbrio simétrico e as esculturas clássicas que ornavam as platibandas na fase anterior, foram substituídas por alegorias que louvavam a República, sobretudo nos prédios daqueles que militavam pelo PRR. Proliferaram sobre as platibandas bustos de “*Marianne*”, alegorias femininas da “Justiça”, da “República” e símbolos positivistas. (Figura 3)



**Figura 3:** Os palacetes assobradados e as vilas residenciais. Na imagem à esquerda, 1: O equilíbrio assimétrico da fachada do casarão de Manoel de Deus Dias, Jaguarão. **Fonte:** Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. Na imagem central, 2: O busto de *Marianne* no frontispício do palacete assobradado de Manoel de Deus Dias, Jaguarão. Na imagem à direita, 3: Aspecto da vila residencial de Bruno de Mendonça Lima, Pelotas. **Fonte:** Fotos do autor, 2006.

No período de “desenvolvimento” do eclético, surgiram as vilas residenciais urbanas e as vilas operárias. Geralmente com dois pavimentos e edificadas no centro de grandes lotes de terrenos ajardinados, as vilas residenciais serviram, sobretudo, aos proprietários de indústrias, que incorporaram os valores das famílias tradicionais e encomendaram edifícios imponentes que competiram com aqueles já existentes. Eliminando o porão alto<sup>10</sup> e com um maior número de aberturas dispostas nas quatro fachadas voltadas para os jardins pitorescos, as vilas estabeleceram maior relação entre os espaços internos e a natureza, resultando numa maior aeração e insolação dos aposentos interiores e contribuindo para a saúde de seus moradores, seguindo as idéias de urbanistas e higienistas.

Como muitos desses “industrialistas” eram estrangeiros, as fachadas das vilas residenciais ostentaram aspectos peculiares às terras de origem dos seus proprietários e ampliaram o historicismo eclético das cidades, obedecendo às estéticas italiana ou germânica, francesa, inglesa ou norte-americana, e, ainda, aos estilos medievais. Estas características se cristalizaram nos tetos aquilinos e recortados em múltiplas águas cobertos com telhas francesas ou lâminas de ardósia, no emprego de madeiras aparentes sobre as superfícies das caixas murais ou da imitação da técnica do enxaimel realizada em massa de cimento, na utilização dos arcos ogivais nas vergas das aberturas, de contrafortes sobre as paredes e pináculos sobre as platibandas, nos torreões, nas *bay windows*, nas ameias das cimalhas. (Figura 3)

Nos dois períodos, as edificações destinadas ao comércio repetiram nas composições de fachadas elementos funcionais e ornamentais empregados nos prédios residenciais. Porém, o porão alto foi eliminado, facilitando o acesso



dos clientes ao interior das lojas e o deslocamento das mercadorias. As soleiras das portas continuaram elevadas um degrau acima das calçadas, obedecendo às determinações dos Códigos de Posturas. As janelas deram lugar às vitrines e aos toldos de lona que protegiam do sol os artigos exibidos nesses espaços.

As sedes bancárias se inspiraram nos edifícios *haussmannianos* de Paris – erguidas em lotes de esquina de quarteirão e projetadas para serem vistas em perspectiva a partir da esquina, destacando os módulos que abrigavam os pórticos de entrada, coroados com cúpulas metálicas importadas. Nestes edifícios mantiveram-se os altos porões, muitas vezes estruturados em granito, reforçando a suntuosidade das agências e o aspecto sólido das construções identificado com a segurança dos empreendimentos das firmas. Esculturas dos deuses gregos – Éfestos, Hermes, Febo, Atena e Demeter – se incorporaram às decorações das fachadas, associadas às origens dos capitais depositados e gerenciados por essas empresas, oriundos da indústria, do comércio e da agricultura. (Figura 4)



**Figura 4:** Os prédios com função comercial ou cultural. Na imagem à esquerda, 1: A antiga sede do *Banco Pelotense*, Santana do Livramento. Na imagem à direita, 2: A fachada do *Teatro Independência*, Santa Vitória do Palmar. **Fonte:** Fotos do autor, 2006.

Nos teatros e cinemas, os elementos de estuque incluíram máscaras, instrumentos musicais e bustos de compositores famosos, ligados às funções dos prédios. Marquises de ferro e vidro protegiam os acessos aos interiores, luminárias com suportes também metálicos foram fixadas às paredes, iluminando e enfeitando as fachadas. Em algumas dessas casas de

espetáculo, como o *Teatro 7 de Abril* de Pelotas e o *Teatro Independência* de Santa Vitória, as ornamentações inseriram composições que remetem ao *art nouveau* e ao *art déco*. (Figura 4)

Máscaras, instrumentos musicais e estátuas de gosto clássico – representando ninfas, musas e os deuses Apolo, Vulcano e Mercúrio – também foram dispostas nas fachadas dos clubes, atreladas às origens econômicas dos associados e às atividades culturais ou recreativas promovidas por essas sociedades.

Instrumentos de desenho e de pintura – réguas e compassos, paletas e pincéis emoldurados por ramos de louro – como também representações de livros e de alegorias da luz do conhecimento enfeitaram os frontões e as paredes externas das escolas, juntamente com as inscrições – “*Fiat lux, sciência, artes, indústria, litteratura*” – identificadas com a doutrina filosófica do francês Auguste Comte, que fundamentou o governo do PRR e o ensino positivista desses estabelecimentos.

As influências românticas peculiarizaram as construções das igrejas – católicas ou não – erguidas ou reformadas nesse período e, se manifestaram na verticalidade dos edifícios, acentuada pelos telhados pontiagudos, nas torres sineiras que remetem às flechas das catedrais góticas, nos contrafortes e pináculos, nos arcos ogivais dos portais e das janelas preenchidas com vitrais. Em algumas delas, curiosamente, se inseriram estilemas classicizantes.

Os hospitais ocuparam grandes lotes, alguns chegaram a preencher por inteiro os quarteirões situados próximos das praças ou afastados dos centros de comércio das cidades. Dessa maneira, privilegiavam a aeração e insolação dos ambientes e contribuía para o silêncio e a tranquilidade necessários à convalescência dos pacientes. As caixas murais se vincularam ao classicismo italiano ou ao romantismo e, exploraram estilemas ecléticos e as esculturas alegóricas da Fé e da Caridade.

As fachadas dos quartéis se basearam no classicismo ou no romantismo. O primeiro se manifestou nas composições tripartidas das sedes dos regimentos de Rio Grande e Pelotas, ritmadas por pilastras e coroadas por platibandas e frontões, adornados com elementos moldados em cimento, simulacros das armas de guerra – balas de canhão, baionetas e espadas. O

segundo se revelou nas casernas de Bagé e Livramento, nas torres de vigia com seteiras dos pórticos e nas ameias das platibandas.

Nas usinas elétricas, o historicismo eclético seguiu as influências italianas. Nas diferentes indústrias mesclaram-se características francesas ou germânicas, que apontavam para as origens dos proprietários dessas firmas.

Alguns elementos ecléticos – o porão alto, as fachadas tripartidas e simétricas, cartelas e medalhões, cornijas, platibandas, frontões e compoteiras – se manifestaram nas casas erguidas pela classe pequeno-burguesa, e até mesmo nas vilas operárias. Criou-se nos espaços urbanos dessas cidades, um imaginário arquitetônico que correspondeu à modernização e à modernidade aspiradas pelas administrações e pelas elites, originadas do mundo europeu.

## **CONCLUSÃO**

O ecletismo historicista se manifestou na arquitetura edificada nos espaços urbanos de seis municípios situados junto da fronteira meridional do Brasil com o Uruguai. Entre os anos de 1870 e 1931, o moderno estilo arquitetônico foi introduzido e disseminado na região por construtores imigrantes originados dos países europeus – Itália, França, Alemanha e Portugal. O ecletismo arquitetônico foi contemporâneo das transformações dos espaços coletivos dessas cidades, que seguiram as idéias de urbanistas e higienistas – a implantação das redes de canalização de água potável e de esgotos, a instalação da iluminação pública e privada, a pavimentação e arborização das ruas, das avenidas e das praças – como também dos novos meios de comunicação – o telégrafo e o telefone, o rádio e o cinema – e de transporte – os automóveis, os bondes elétricos e os aviões.

As criações de diferentes rebanhos de animais e a agricultura, trocados entre os municípios ou exportados por meio das estradas de ferro e da navegação, geraram o enriquecimento de estancieiros, de charqueadores, de agricultores e comerciantes, e o crescimento das cidades. Através dos navios e dos trens, as elites e as administrações importaram os mais variados materiais e técnicas construtivas aplicados às obras de engenharia e de arquitetura. Os vapores e as locomotivas viabilizaram a imigração e a circulação de

construtores e artífices, que ergueram e ornamentaram os edifícios ecléticos urbanos. A proximidade com a fronteira uruguaia facilitou o deslocamento para a região de técnicos e artistas imigrantes que se vincularam às construções arquitetônicas.

Os elementos funcionais e ornamentais utilizados nas caixas murais das edificações ecléticas da zona da campanha gaúcha registraram as diferentes ideologias que se manifestaram na área durante o período estudado: o poder e a cultura das classes dominantes, a vinculação das elites e das administrações com os regimes monárquico ou republicano, a nostalgia dos proprietários imigrantes em relação aos seus lugares de origem, o positivismo que fundamentou a República brasileira, a inserção de estilemas de diferentes correntes estéticas européias – o romantismo, o *art nouveau* e o *art déco* –, o espírito de modernidade dos novos tempos.

Equipadas com os melhoramentos urbanos importados, higienizadas, arborizadas e enfeitadas pelos invólucros murais ornamentados dos edifícios ecléticos, as urbes da fronteira meridional do Brasil se fizeram modernas e materializaram a nova mentalidade da sociedade burguesa européia transposta ao Novo Mundo, respondendo aos interesses das classes dominantes que construíram e viveram – entre os anos de 1870 e 1931 – em Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Bagé, Santana do Livramento e Santa Vitória do Palmar.

---

\* Este artigo é um recorte da Tese de Doutorado **Eclétismo na fronteira meridional do Brasil: 1970-1931**, defendida no ano de 2007 no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura: área de conservação e restauro, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

<sup>1</sup> PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. A política rio-grandense no Império. In: DACANAL, José Hildebrando. (Org.) **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 115.

<sup>2</sup> Terminologia derivada de ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.16.

<sup>3</sup> São construções de um único pavimento sobre porão alto.

<sup>4</sup> Os ornamentos de estuque chegavam em quantidades embaladas através dos portos, mas muitos eram copiados ou criados e multiplicados em ateliês especializados que se formaram na região. Outros tantos eram moldados *in loco* pelos artífices estrangeiros ou brasileiros.

<sup>5</sup> Segundo o Livro nº 14 de Atas da Câmara de Vereadores, 1871, encontrado na Biblioteca Pública Pelotense, em janeiro desse mesmo ano, através do Código de Posturas, a Câmara de Vereadores definiu como obrigatória a utilização de “*platibandas na frente das ruas*”, com canais internos para receber as águas dos telhados e escoá-las por canos embutidos nas paredes.

<sup>6</sup> As esculturas de louça geralmente eram originadas da cidade do Porto. Mas muitas delas eram produzidas em “*fabricas de louça de barro*” que se instalaram nas localidades. As esculturas de cimento eram realizadas por escultores da região.

<sup>7</sup> Segundo FABRIS, Annateresa. O ecletismo à luz do modernismo. In: FABRIS, Annateresa. (Org.) **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1987. p. 283. Estilemas são elementos de vários estilos pretéritos da história da arquitetura.

<sup>8</sup> TRINADADE, Hélio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano Rio-Grandense (1882-1937). In: DACANAL. Op. cit. p. 126.

<sup>9</sup> Ibid. pp. 154 a 167.

<sup>10</sup> A utilização de parquês no revestimento dos pisos internos, uma inovação do período, descartou a necessidade desse espaço de ventilação dos antigos assoalhos do momento de “consolidação” do ecletismo.

## REFERÊNCIAS

DACANAL, José Hildebrando. (Org.) **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

FABRIS, Annateresa. (Org.) **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1987.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## CURRÍCULO RESUMIDO

Especialista em Cultura e Arte Barroca pelo Instituto de Artes e Cultura da UFOP. Mestre em Teoria, Crítica e História da Arte pelo Instituto de Artes da UFRGS. Doutor em Arquitetura: área de conservação e restauro pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Professor adjunto de História da Arte do Instituto de Artes e Design da UFPel.